

ELIMINAÇÃO E DESCENTRALIZAÇÃO DA CONSCIÊNCIA NAS ORIGENS DO PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO¹

Elimination and Decentralization of Consciousness in the Origins of Contemporary Thought

Carlos Diógenes Côrtes Tourinho²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo mostrar como a noção de “consciência” sofreu dois abalos significativos nas origens do pensamento contemporâneo. O primeiro deles acontece a partir de uma interface da psicologia do comportamento com a biologia evolucionista, resultando em um processo gradativo de eliminação da consciência nas pesquisas psicológicas. Já o segundo surge com o advento da psicanálise e a formulação da hipótese segundo a qual a origem da dinâmica psíquica estaria no sistema Inconsciente, resultando em uma descentralização da consciência.

Palavras-chave: Consciência. Evolucionismo. Psicanálise. Psicologia do Comportamento. Psicologia Experimental.

ABSTRACT

The present paper aims to show how the notion of “conscience” suffered two significant blows in the origins of contemporary thought. The first one happens from an interface between behavioral psychology and evolutionism biology, resulting in a gradual process of elimination of consciousness in psychological research. The second arises with the advent of psychoanalysis and the formulation of the hypothesis according to which the origin of psychic dynamics would be in the Unconscious system, resulting in a decentralization of consciousness.

Key-words: Conscience. Behavioral Psychology. Evolutionism. Experimental Psychology. Psychoanalysis.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo mostrar, através da contextualização de duas linhas de pesquisa do último quarto do século XIX, como o conceito de “consciência” sofreu, especificamente, em cada uma dessas linhas, dois abalos significativos nas origens do pensamento contemporâneo.

¹ <https://doi.org/10.51359/2357-9986.2023.258204>

² Universidade Federal Fluminense. E-mail: cdctourinho@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5963-599x>.

O primeiro deles acontece a partir de uma interface da psicologia do comportamento com a biologia evolucionista, resultando em um processo gradativo de eliminação da consciência nas pesquisas psicológicas, especialmente, nos Estados Unidos da América. Já o segundo surge com o advento da psicanálise e a formulação da hipótese freudiana segundo a qual a origem da dinâmica inerente ao aparelho psíquico estaria no sistema Inconsciente, no qual as representações – em suas articulações simbólicas—atestariam um “desejo” recalcado pela censura, resultando em uma descentralização da consciência, lugar outrora tido pela tradição filosófica como domínio das evidências, tornando-se, a partir de então, o “lugar da suspeita” e dos questionamentos.

O artigo encontra-se dividido em três partes: a primeira delas aborda o projeto da psicologia experimental. Nela, mostraremos que, malgrado a herança da dualidade filosófica “mente-corpo” no projeto em questão, os primeiros experimentos de Wundt – a quem os comentadores atribuem o mérito de inaugurar, em Leipzig, na Alemanha, o primeiro laboratório de psicologia experimental – já traziam, de certo modo, como pano de fundo, uma nova dualidade que assumiria, ao menos, para uma dada linha de pesquisa em psicologia, um lugar de destaque no novo século: trata-se da dualidade “organismo-meio”; a segunda parte fará uma breve exposição da biologia evolucionista do século XIX, mostrando como essa doutrina sobre a evolução da vida foi, pouco a pouco, consolidando, também no último quarto do mesmo século, uma interface com a psicologia behaviorista norte-americana. Interface essa responsável por eliminar, gradativamente, o conceito de “consciência” das pesquisas psicológicas na América – primeiramente, com o polêmico artigo de 1904 de Willian James e, num segundo momento, de maneira efetiva, já a partir do século XX, com o behaviorismo de J. Watson; por fim, o artigo mostra, em sua terceira parte, que o advento da psicanálise de S. Freud, a partir do debate da psicopatologia em torno do fenômeno da “divisão da consciência”, seria responsável por pensar uma concepção do aparelho psíquico cuja dinâmica seria marcada por um conflito psíquico, tendo no sistema Inconsciente o lugar de origem da dinâmica desse psiquismo, resultando, por fim, numa descentralização da consciência. Passemos, então, a um exame mais detido de cada um desses momentos.

O PROJETO DA PSICOLOGIA EXPERIMENTAL DE W. WUNDT E OS PRIMEIROS SINAIS DE UM NOVO DUALISMO

Pode-se dizer, grosso modo, que o problema filosófico mente-corpo e seus questionamentos iniciais – tais como, a distinção entre a natureza da mente e do corpo, as relações entre as ocorrências mentais e corpóreas, o meio em que os fenômenos mentais ocorrem, etc. – não apenas ganham um destaque na filosofia moderna seiscentista³, mas assumem um lugar de suma importância para a psicologia experimental do século XIX. Afinal, poderia tal psicologia assumir considerações sobre a chamada correlação psicofisiológica sem que tomasse uma posição face aos referidos questionamentos? Pode-se dizer – ao menos, para essa psicologia debutante entre as ciências experimentais – que ao assumir como inspiração tal correlação, essa mesma psicologia termina por adotar um posicionamento frente ao problema filosófico em questão, discernindo, grosso modo, a especificidade do aparecimento dos estados mentais, bem como sua relação com correlatos “fisiológicos” (afinal, que tal estado apareça distintamente não significa dizer, contudo, que não haja uma *relação* entre ele e tais correlatos).

No século XIX, a psicofísica de Theodor Fechner (1801-1887) terá um papel preponderante na posição assumida pela grande maioria dos psicólogos experimentais face ao referido problema filosófico, tornando-se, assim, uma espécie de “bandeira” da psicologia experimental na segunda metade do mesmo século⁴. Fechner é responsável pela formulação da tese de um paralelismo – que não deve ser confundido com o dualismo paralelista de substâncias, outrora sustentado por metafísicos seiscentistas – entre mente e corpo. Para o autor, cada ocorrência mental (emoções, pensamentos, desejos, crenças, etc.) seria acompanhada por um correlato “fisiológico” (descargas eletroquímicas, batimentos cardíacos, sensações, etc.). A experiência psicológica consistiria, portanto, segundo Fechner, em uma só reali-

³ Tal problema ganha, como sabemos, um tratamento diversificado na filosofia moderna, já a partir do século XVII: da polêmica tese do dualismo interacionista em Descartes, passando pelo materialismo de Hobbes, estendendo-se ao dualismo paralelista de Malebranche e de Leibniz, e assim por diante.

⁴ “Foi depois de Fechner que o paralelismo psicofísico ‘se tornou a fé comum dos psicólogos experimentais do séc. XIX’”. Cf. Herrnstein, R. J. & Boring, E. G. (orgs.) *Textos Básicos de História da Psicologia*, p. 735.

dade psicofísica (uma mesma realidade, porém, com dois aspectos distintos: um “mental” e outro “corpóreo”, revelados, respectivamente, nas experiências imediata e mediata). A teoria do duplo ponto de vista de Fechner nos diz, nesse contexto, que enquanto o aspecto mental somente poderia ser apreendido do ponto de vista da primeira pessoa, de maneira “imediata”, o aspecto corpóreo (ou fisiológico) somente poderia ser apreendido do ponto de vista da terceira pessoa, de maneira “mediata”. Sendo assim, não poderíamos observar o cérebro de uma pessoa que pensa e, ao mesmo tempo, pensar com esse cérebro. Daí a analogia feita por Fechner entre tais aspectos da experiência psicofísica e os lados “côncavo” e “convexo” de um círculo⁵.

A influência da psicofísica no final do século XIX acontece, justamente, no momento no qual vemos surgir uma aspiração – cercada de ineditismo, como sabemos – da psicologia em ascender a um estatuto de cientificidade, nos moldes das ciências experimentais da época. Coube, fundamentalmente, a Wilhem Wundt (1832-1920) o mérito de anunciar e conduzir, em Leipzig, o projeto de uma psicologia experimental. É preciso destacar duas exigências que se apresentavam a esse novo projeto, ao menos, em seu início: por um lado, não dar às costas para as chamadas “heranças filosóficas” da psicologia, com especial atenção à necessidade de assumir uma posição frente ao problema mente-corpo; por outro lado, consolidar uma aliança com o método experimental das ciências da natureza, cumprindo todo o protocolo científico que, grosso modo, exigia a observação sistematizada dos fenômenos, a formulação de hipóteses e demonstração experimental das mesmas.

Como um pioneiro dessa nova aspiração científica da psicologia, Wundt acena com a chamada “psicologia fisiológica”, sob influência do pa-

⁵ Quando nos colocamos dentro de um círculo, seu lado convexo está escondido, coberto pelo lado côncavo; inversamente, quando nos colocamos fora do círculo, o lado côncavo é coberto pelo convexo. Ambos os lados estão indivisivelmente ligados tanto quanto o lado material e o mental do homem, e podem ser vistos como análogos aos seus lados interno e externo. É tão impossível, estando colocado no plano do círculo, ver simultaneamente os dois lados do círculo, quanto ver ambos os lados do homem, a partir do plano da existência humana... O que aparecerá a você como sua mente, a partir do ponto de vista interno, de outro lado aparecerá, do ponto de vista externo, como a base material dessa mente. Existe uma diferença entre pensar com o cérebro e examinar o cérebro de uma pessoa que pensa... Agora se torna evidente porque ninguém poderia observar a mente e o corpo, simultaneamente, embora estejam tão indissolivelmente ligados. É impossível para alguém estar dentro e fora da mesma coisa, ao mesmo tempo. Cf. Fechner, G. T. *Elements of Psychophysics*. Volume I, pp. 2-4.

ralelismo psicofísico de Fechner: todo fenômeno mental tem um correlato fisiológico⁶. O objetivo da psicologia de Wundt consiste, ao menos, em seu começo, em investigar os elementos últimos fisiológicos dos estados mentais, a saber: as sensações. Enquanto os estados mentais psicológicos se revelam em primeira pessoa, de maneira imediata, tais correlatos fisiológicos se mostram, do ponto de vista da terceira pessoa, de maneira mediata. Os primeiros experimentos consistiam na aplicação de um estímulo sonoro e resposta comportamental. Num primeiro momento, era pedido ao sujeito participante do experimento que a sua atenção estivesse concentrada no estímulo sonoro, ao passo que, num segundo momento, era pedido que a sua atenção estivesse focada na resposta (no comportamento de apertar o botão em uma caixa). A conclusão inicial obtida com esse experimento procurava mostrar que haveria uma demora maior do sujeito do experimento em responder no primeiro caso (quando a atenção estava concentrada no estímulo sonoro), devido à necessidade da “apercepção” (conceito leibniziano que deve ser, nesse contexto, entendido tão somente em sentido psicológico)⁷. Em outros termos, o sujeito precisa “se dar conta” do estímulo em questão (percebê-lo e apreendê-lo), interpretando-o enquanto *aquele* estímulo para o desencadeamento do comportamento de apertar o botão na caixa⁸. Há, portanto, já no primeiro experimento de Wundt, uma centralização em torno da ideia de “estar introspectivamente cômico de algo”. Se a psicologia experimental herda o problema filosófico mente-corpo, inspirando-se no paralelismo psicofísico, o pano de fundo de tais experimentos já revelam a concorrência de outro dualismo (poderíamos dizer “horizontal”): trata-se do

⁶ Segundo Georges Dwelshauvers, o pressuposto de que existe um “paralelismo” entre os elementos da vida mental e as excitações exteriores é o postulado básico da psicologia experimental empreendida por Wundt. Cf. Dwelshauvers, G. “Wilhelm Wundt et la Psychologie Expérimentale”, p.141.

⁷ Sobre o conceito de “apercepção”: trata-se de um conceito filosófico, derivado do francês *s’apercevoir de* (“dar-se conta de”). Toda apercepção envolve uma consciência reflexiva, designando, em Leibniz, qualquer percepção que seja acompanhada por consciência. Leibniz define percepção como a condição interna da Mônada ao representar coisas externas (em seus termos, “representando a multiplicidade na unidade ou na substância simples”), refletindo o universo do seu próprio ponto de vista, ao passo que, a apercepção passa a ser definida, neste sistema, como a consciência ou o conhecimento reflexivo deste estado interno. Cf. Leibniz “Principes de la Nature et de la Grâce fondés en raison” (parágrafo IV). In: *Principes de la Nature et de la Grâce, Monadologie et Autres Textes*; pp. 225/226.

⁸ Sobre o primeiro experimento de Wundt a propósito do tempo de reação das sensações (Cf. Seidl de Moura, M. L. & Correa, J. *Estudo psicológico do pensamento*. De Wundt a uma Ciência da Cognição, p. 19).

dualismo “organismo-meio”, oriundo da biologia. Configurar-se-á, nos anos seguintes, uma interface entre psicologia e biologia que, grosso modo, implicará na aceitação da tese segundo a qual o homem não é senão um organismo biológico que responde aos estímulos ambientais (mais precisamente, às exigências de adaptação do meio ambiente), tal como os demais organismos na escala do reino animal. Mas, em que medida o novo dualismo promove uma redefinição da própria Psicologia como campo de estudos, caracterizando, nela, um primeiro abalo em torno do conceito de “consciência”? Vejamos.

SOBRE A INTERFACE DA PSICOLOGIA COM A BIOLOGIA: O PRIMEIRO ABALO DA CONSCIÊNCIA NAS PESQUISAS PSICOLÓGICAS

Sabemos que a grande novidade nas teorias sobre os organismos vivos concentrou-se, fundamentalmente, no século XIX, com o surgimento do evolucionismo, doutrina cujo ponto de apoio consiste, grosso modo, em pensar a transformação das espécies (daí também ser conhecida como “transformismo”). Coloca-se em primeiro plano as exigências do meio ambiente para a adaptação das espécies e a luta desses organismos para se adaptar a tais exigências. Entre organismo e meio, há uma relação heteronômica, na qual o meio impõe aos organismos exigências para a adaptação. A nova forma de pensar a natureza dos seres vivos encontraria resistência, como sabemos, justamente, da tradição criacionista do pensamento cristão, cuja forma de pensar o vivo seria conhecida como “fixismo”. Parte-se do princípio de que Deus teria criado cada uma das espécies dotando-as de propriedades específicas que lhes seriam próprias. Ao longo da vida, cada uma das espécies criadas não manifestariam senão as propriedades que lhe foram atribuídas por Deus no ato da criação⁹. Nessa mesma tradição, acrescenta-se ainda a ideia de uma descontinuidade entre o Homem (este “duplo de corpo e alma”) e as demais espécies que, por sua vez, seriam tão somente como que “autômatos”.

⁹ Sobre a tradição criacionista do pensamento cristão, o leitor poderá conferir a entrevista de Pierre Thuillier por Émile Noël. Cf. Noël, E. *Le darwinisme aujourd'hui*, pp. 34-35.

O evolucionismo surge, no século XIX, em um movimento de contestação dessa tradição cristã fixista¹⁰. Não há dúvidas de que, na segunda metade do século XIX, o grande nome do pensamento evolucionista foi o do biólogo britânico Charles Darwin (1809-1882), conhecido por formular, em *The Origin of Species* (1859), uma teoria sobre a evolução das espécies que se convencionou chamar de teoria da “seleção natural”¹¹. Grosso modo, a tese de Darwin consiste em mostrar que as espécies se diferenciam umas das outras por mutações ao acaso. Em uma relação heteronômica com os organismos, o meio opera, então, sobre tal diversidade, como um filtro seletor que atua na seleção das espécies mais adaptadas, extinguindo as menos adaptadas. Diferentemente de Lamarck, para quem o meio como que “causa” um novo comportamento nos organismos, levando-os à aquisição de novos caracteres, em Darwin, o meio atuará como um “seletor” das espécies cujos comportamentos encontrar-se-iam em continuidade com o meio, eliminando do curso da evolução aquelas espécies cujos comportamentos estivessem em descontinuidade com as exigências ambientais¹². Acrescenta-se ainda, e este será um ponto de divergência com a tradição criacionista, a formulação darwiniana do princípio de “continuidade filogenética”: o homem deve se enquadrar em uma *mesma* árvore genealógica juntamente com o restante das espécies, de modo que o princípio evolutivo que serve para explicar a evolução dessas últimas deverá se aplicar também para explicar a evolução do homem. Eis um princípio cuja aceitação seria determinante

¹⁰ Não há dúvidas de que, ao menos, na primeira metade do século XIX, o grande nome da visão “transformista” foi o do biólogo francês Jean Baptiste Lamarck. Sua teoria alcança uma expressão mais completa em 1809, em *Philosophie Zoologique*. Com ela, vemos surgir a teoria dos caracteres adquiridos e a “lei do uso e desuso”. O meio surge como um vetor que determina a aquisição de novos caracteres nos organismos, como condição para que os mesmos possam estar adaptados. Há um momento no qual o meio impõe ao organismo uma nova exigência de adaptação, forçando-o a fazer uso de novos movimentos, através dos quais o organismo adquiriria, então, se bem sucedido em realiza-los, novos caracteres, adaptando-se, assim, ao meio ambiente. Tais movimentos levam, pelo seu uso repetitivo, a aquisição de uma nova característica, ao passo que o desuso desses movimentos levaria ao desaparecimento de caracteres anteriormente adquiridos. Sobre a teoria de Lamarck, recomendamos ao leitor a entrevista de Jacques Roger por Émile Noël, em especial, das páginas 15 a 21. Cf. Noël, E. *Le darwinisme aujourd’hui*, pp. 15-21.

¹¹ Sobre a teoria da “seleção natural” de Darwin, conferir a entrevista de Pierre Thuillier por Émile Noël. Cf. Noël, E. *Le darwinisme aujourd’hui*, pp. 36-38.

¹² Para considerações mais detalhadas das distinções entre o evolucionismo de Lamarck e de Darwin, recomendo ao leitor as excelentes entrevistas organizadas por Émile Noël. Cf. Roger, J. et Thuillier, P. interrogés par Émile Noël, *Le darwinisme aujourd’hui*. Paris: Éditions du Seuil, 1979, pp. 14-53.

para os rumos da psicologia – sobretudo, na América – já a partir do final do século XIX.

Como vimos, a nova dualidade organismo-meio já aparecia no fundo dos experimentos da psicologia fisiológica de Wundt. Aos poucos, o que era tão somente um fundo das pesquisas começa a tomar um lugar de destaque, assumindo um primeiro plano. Notamos, por exemplo, no funcionalismo de William James (1842-1910), a concepção segundo a qual o homem é visto como um organismo biológico e o seus mecanismos psicológicos (perceber, lembrar, pensar, etc.) são entendidos como funções da mente humana que auxiliam o homem na execução de ações para atingir determinados fins que, por sua vez, possam torná-lo mais adaptável às exigências do meio. Segundo James, “nossas várias formas de sentir e de pensar se tornaram o que são devido à sua utilidade na modelação de nossas reações ao mundo exterior”¹³. James considera o “propósito” como a característica distintiva da mentalidade, isto é, a busca por metas futuras e a escolha de meios para alcançá-las são o sinal da presença de mentalidade em um organismo. O novo dualismo biológico encontra-se, portanto, já instaurado na psicologia funcionalista de James.

E será justamente a presença desse novo dualismo que irá determinar uma primeira linha através da qual podemos notar um enfraquecimento gradativo da consciência em certas pesquisas de psicologia do começo do séc. XX. O próprio James – considerado um “decano” dos psicólogos estadunidenses da corrente da consciência – anuncia, em seu polêmico artigo de 1904, intitulado “Does Consciousness Exist?”, publicado no primeiro número do *Journal of Philosophy, Psychology and Scientific Method*, que chegara a hora de descartar, de uma vez por todas, o conceito de consciência¹⁴. O artigo em questão se torna um marco desse enfraquecimento no contexto da psicologia norte americana que, por sua vez, seria, em pouco tempo, territó-

¹³ James *apud* Gardner. Cf. Gardner, H. *A Nova Ciência da Mente*, p. 122.

¹⁴ “Creio que uma vez evaporada e reduzida a este estado de pureza diáfana, a consciência está bem perto de desaparecer por inteiro. Ela se torna um nome de um não-ser e não tem direito a um lugar entre os princípios primeiros. Aqueles que teimam em aferrar-se a ela, prendem-se a um simples eco, ao vão ruído que deixou atrás dela, na atmosfera filosófica, a alma em vias de desaparecer... De uma vez por todas, parece-me que chegou a hora de descartar a consciência de maneira aberta e universal. Cf. James, W. “Does Consciousness Exist?”. In: McDermott, J. J. (org.) *The Writings of William James. A Comprehensive Edition*, p. 169.

rio dominado por uma nova tendência que se convencionou chamar de “behaviorismo”. O responsável pela instauração dessa tendência na América foi o norte-americano John Watson (1878-1958). Formado em administração de empresas, Watson consolida, em seu artigo “Psychology as the Behaviorist Views It” (1913), a ideia da psicologia como “ciência do comportamento”, considerando-a um ramo puramente objetivo e experimental da ciência natural¹⁵. Consolida-se, definitivamente, o dualismo organismo-meio nas pesquisas em psicologia, representado pelo par estímulo-resposta (“S-R”): o organismo recebe estímulos ambientais e responde aos mesmos em termos comportamentais. O psicólogo deve se ater à observação, controle e previsão do comportamento dos organismos vivos, humanos e animais, de maneira indiferenciada (influência da ideia de “continuidade filogenética” do evolucionismo de Darwin). Haveria algo como uma correlação entre estímulo e resposta: se eu conheço o estímulo que incide sobre o organismo, posso prever a resposta desse organismo; por outro lado, se eu conheço a resposta, posso predizer o estímulo que a determinou. Neste sentido, o behaviorismo promove, poder-se-ia dizer, um estudo de “periferia”: interessa-se pelos antecedentes e consequentes, sem se ater aos concomitantes, isto é, aos processos mentais e fisiológicos que ocorrem com o organismo entre a chegada do estímulo e a ocorrência da resposta.

Num primeiro momento, o behaviorismo irá afastar a consciência introspectiva das pesquisas em psicologia por razões metodológicas, haja vista que a introspecção contém, ao menos, dois problemas: o primeiro deles encontra-se no colapso entre sujeito e objeto, dado que o sujeito introspectivo se torna, a um só tempo, aquele que investiga e o que é investigado, não respeitando, assim, o distanciamento obrigatório entre eles no conhecimento objetivo; como se isso não bastasse, o método em questão mostra o quão os conteúdos introspectivos se mostram refratários à medida e ao controle, exigências imprescindíveis quando tratamos do rigor experimental das ciências.

¹⁵ “A psicologia, tal como o behaviorista a interpreta, é um ramo puramente objetivo e experimental da ciência natural. Seu objetivo teórico é a predição e o controle do comportamento...O behaviorismo, em seu esforço para conseguir um esquema unitário da resposta animal, não reconhece linha divisória entre o homem e os animais irracionais. O comportamento do homem, com todo o seu refinamento e toda a sua complexidade, constitui apenas uma parte do esquema total de pesquisa do behaviorista”. Cf. Watson, J. B. “Psychology as the Behaviorist Views It”. In: Schultz, D. *História da Psicologia Moderna*, p. 221.

Teríamos, portanto, num primeiro momento, poder-se-ia dizer, algo como um “behaviorismo metodológico”. Todavia, num segundo momento, se a consciência introspectiva desaparece completamente das pesquisas em psicologia neste cenário, não é mais por razões metodológicas, mas sim, por uma questão “ontológica” (isto é, o behaviorista adota um monismo naturalista segundo o qual somente haveria, no reino animal, organismos biológicos e meio ambiente, estímulos ambientais e comportamentos¹⁶. Ao behaviorista, caberia observar, prever e controlar o comportamento dos organismos humanos e animais, de maneira indiferenciada¹⁷. Essa interface da psicologia com a biologia promoveu, como vimos, na psicologia estadunidense, a substituição do dualismo mente-corpo pelo dualismo organismo-meio. Tal substituição contribuiu, decisivamente, em tais pesquisas em psicologia, para um primeiro enfraquecimento da ideia de um “estar introspectivamente cômico de algo”. Ao mesmo tempo em que tal interface se consolidava na América, nascia, na Europa, a psicanálise. Em que medida a formulação da hipótese freudiana do inconsciente representaria um segundo abalo para a o conceito de consciência? É o que iremos acompanhar a partir de agora.

A FORMULAÇÃO DA HIPÓTESE DO INCONSCIENTE E A DESCENTRALIZAÇÃO DA CONSCIÊNCIA COM O ADVENTO DA PSICANÁLISE

Já o segundo grande golpe sofrido pela consciência pode ser notado, ainda no final do séc. XIX, com o surgimento da psicanálise. A descoberta do lugar do Inconsciente leva Sigmund Freud (1856-1939) – médico de for-

¹⁶ Sobre a distinção entre “behaviorismo metodológico” e “behaviorismo ontológico”, o leitor poderá consultar o excelente trabalho de André Tilquin. Cf. Tilquin, A. *Le Behaviorisme. Origine et Développement de la Psychologie de réaction in Amerique*. Paris: Edit. VRIN, 1950.

¹⁷ Nos termos de Gardner, Watson estava negando grande parte do programa e quase todo método da psicologia tradicional. Nada mais de impressões ou intenções sentidas: dali em diante, apenas a observação do *comportamento* explícito era relevante. A descrição e explicação dos estados e conteúdos da consciência deveriam ser substituídos pela previsão e finalmente pelo controle do comportamento. A psicologia não mais se preocuparia com o que, supostamente, se passa na mente de uma pessoa, uma vez que os próprios termos mentalistas estavam, a partir de então, abolidos do vocabulário do psicólogo. Cf. Gardner, H. *A Nova Ciência da Mente*, p. 124.

mação, especializado no estudo dos processos neurofisiológicos – a empreender, de maneira formalizada, a partir de 1900, uma concepção de psiquismo que não mais se reduz à consciência, mas, antes sim, passa a ter na investigação dos processos inconscientes o foco de suas atenções. Na medida em que buscava uma explicação para o quadro clínico das neuroses, Freud enfrentava um sério obstáculo: não podia explicar o referido quadro a partir de uma psicologia da consciência. Por isso, viu-se obrigado a iniciar a construção de um arcabouço teórico-conceitual – denominado por ele de “metapsicologia” (*meta* / “além” da consciência) – para dar conta do sintoma de seus pacientes a partir de uma estrutura invisível, não aparente, desconhecida até então: o Inconsciente¹⁸.

É em torno de 1880 que a psicologia e, sobretudo, a psicopatologia colocarão em relevância uma série de estudos concernentes a estados de desdobramentos alternantes da personalidade. Nomeadamente, trata-se aí dos trabalhos relativos ao fenômeno da histeria e de sua demonstração através da hipnose, realizados pelo psiquiatra francês Jean Martin Charcot (1825-1893) em Salpêtrière¹⁹. Tais trabalhos tiveram, por parte daqueles que acompanhavam os cursos de Charcot, os mais diversos encaminhamentos. O que se constata, nesse período, é a colocação em jogo de uma nova realidade dentro da psicopatologia da época: o fenômeno da divisão da consciência que a clínica da histeria revelara e a prática do hipnotismo induzira. Se em um sentido mais amplo temos a hipótese da dissociação dos conteúdos da consciência sendo justificada pelo próprio complexo sintomático apresentado pela histeria, por outro lado, se nos ativermos às diferentes posições dos autores – principalmente Pierre Janet, Joseph Breuer e Sigmund Freud – encontramos três posições particularmente caracterizadas. Para Pierre Janet (1859-1947), a dissociação da consciência em uma pessoa histérica poderia

¹⁸ O termo “metapsicologia” foi empregado por Freud, pela primeira vez, numa carta a Wilhem Fliess datada de 13 de fevereiro de 1896: “Tenho-me ocupado continuamente com a psicologia – na verdade, com a *metapsicologia*...”. Cerca de vinte anos mais tarde, em seu artigo “O Inconsciente”, ele escreve: “Proponho que quando consigamos descrever um processo psíquico em seus aspectos dinâmico, tópico e econômico, isso se chame uma *posição metapsicológica*”. Portanto, em psicanálise, metapsicologia é sinônimo de teoria. Cf. Garcia-Roza, L. A. *Introdução à Metapsicologia Freudiana – I*, pp. 9, 11 e 12.

¹⁹ A histeria é um tipo de neurose (cujos sintomas são a expressão simbólica de um conflito). Trata-se, nos casos analisados por Charcot, especificamente, da chamada “histeria de conversão” (na qual o paciente é acometido por sintomas corporais ou somatizações, tais como, paralisias, cegueiras, perda da voz, etc).

ser explicada por uma insuficiência ou fraqueza congênita de capacidade de síntese psíquica, que acabaria provocando um estreitamento do campo da consciência, mantendo fora dela uma série de experiências²⁰. Tal hipótese confirmaria a visão corrente sobre o caráter degenerado dos indivíduos histéricos. Da parte de Joseph Breuer (1842-1925), em contraposição à concepção de Janet, a condição da histeria consiste na ocorrência de peculiares estados de consciência, como que de sonhos, com uma capacidade de associação restrita para os quais propôs o nome de “estados hipnóides”, ou seja, nessa perspectiva, a dissociação da consciência se originaria porque as ideias que emergem nos estados hipnóides estão excluídas da comunicação associativa com o resto do conteúdo da consciência²¹. Já Sigmund Freud (1856-1939) – após várias experiências com pacientes histéricos, durante alguns anos de estreita colaboração com Breuer, particularmente, entre 1893 e 1895 – tomará a divisão da consciência como resultado de um conflito que é gerado no seio do psiquismo pela incompatibilidade entre uma ideia intolerável e o ego. Freud logo tratou de atribuir à origem dessa ideia um conteúdo de ordem sexual, que apareceria como repugnante para o sujeito hístico que, tentando afastá-lo da consciência, sucumbiria ao mecanismo de defesa²². A noção de “defesa” (*abwer*) – além de desempenhar um papel fundamental nas elaborações posteriores da teoria psicanalítica, pois, em certa medida, pode ser parcialmente assimilada ao que Freud designou de “recalcamento” (*verdrängung*) – marcará também a independência do ponto de vista de Freud por relação ao de Breuer e de seus contemporâneos²³. Assim,

²⁰ Cf. Freud, S. “As Neuropsicoses de Defesa”. In: Obras Completas de Sigmund Freud – Volume III, p. 58.

²¹ Cf. *Idem*. Para Breuer, as ideias que emergem em estados hipnóides encontram-se carregadas de afetos. Esses se encontram, por sua vez, ligados a um trauma vivido na história daquele paciente. Breuer apresenta, então, diferentemente, de Janet (para quem a divisão da consciência estaria relacionada a um defeito de ordem congênita), uma explicação genética da dissociação do psiquismo em pacientes histéricos.

²² Cf. Freud, S. “As Neuropsicoses de Defesa”. In: Obras Completas de Sigmund Freud – Volume III, pp. 59-60.

²³ Na obra de Freud, a noção de “defesa” (*abwer*) aparecerá, inicialmente, no artigo de 1893, intitulado “Comunicação preliminar”. No entanto, é somente no artigo “As neuropsicoses de defesa” (1894) que Freud tratará dessa noção de uma maneira mais extensa. A noção de “defesa”, tal como empreendida por Freud em 1894, pode ser parcialmente tomada como sinônimo do que Freud chamará mais tarde de “recalcamento” (*verdrängung*). “Defesa” (*abwer*) é um termo mais amplo que designa, em sua primeira acepção, o mecanismo pelo qual o ego se protege de uma representação desagradável e ameaçadora. Já o termo recalcamento (*verdrängung*), a partir de *A interpretação dos Sonhos* (1900), vai ganhando maior precisão conceitual, enquanto defesa passa a ser utilizada de maneira cada vez mais

diferentemente da postura adotada por Breuer e fundamentalmente daquela sustentada por Janet acerca da divisão da consciência, Freud introduzirá a originalidade de sua contribuição para a interpretação dessa divisão, considerando-a como a expressão de um conflito psíquico no qual certas representações são objeto de uma defesa na medida em que são inconciliáveis com o ego²⁴.

No entanto, é somente a partir de 1900, em *A Interpretação dos Sonhos* (*Die Traumdeutung*), que Freud empreenderá uma metapsicologia acerca do funcionamento do aparelho psíquico, chamando, assim, a atenção para a verdadeira dimensão de sua descoberta: as articulações simbólicas do Inconsciente. A sessão B do capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos* nos mostra o que ficou conhecido como a “primeira tópica freudiana”. Trata-se de uma representação espacialmente figurada do aparelho psíquico, formada pelos seguintes sistemas: Inconsciente (Ics), Pré-consciente (Pcs) e Consciente (Cs), cada um dos quais apresentando estrutura e leis próprias. A dinâmica desse aparelho é marcada por um conflito permanente entre as instâncias que o constituem. De um lado, o sistema Pré-consciente/ Consciente e, do outro lado, separado pela censura, o sistema Inconsciente, onde habitam as representações recalcadas que lutam para chegar à Consciência. Entre cada um desses sistemas, Freud situa censuras que inibem e controlam a passagem de uma certa representação de um sistema para o outro. Os sistemas podem ser percorridos em uma direção “progressiva” ou “regressiva”. Em uma direção progressiva, os conteúdos ideacionais perpassariam na seguinte ordem: sistema inconsciente (Ics) → censura/ sistema pré-consciente (Pcs) → sistema consciente (Cs). Já o sentido regressivo – designado por Freud de “regressão tópica” – pode ser ilustrado pelo fenômeno do sonho. Nesse sentido, os conteúdos ideacionais que partem do sistema inconsciente (Ics) esforçar-se-iam por avançar pelo sistema pré-consciente (Pcs) e, a partir daí, obter acesso à ao sistema consciente (Cs). No entanto, no esta-

ampla e, portanto, mais vaga. Cf. Cf. Laplanche, J. & Pontalis, J-B. “Recalcamento ou Recalque”. In: *Vocabulário de Psicanálise*; pp. 552-557.

²⁴ A neurose é, portanto, uma patologia (afecção psicogênica) na qual os sintomas são a expressão simbólica de um conflito psíquico que teria, segundo Freud, as suas raízes na infância e consiste numa divisão que coloca, de um lado, um desejo inconsciente e, de outro, as defesas do Ego. Cf. Laplanche, J. & Pontalis, J-B. “Ego”. In: *Vocabulário de Psicanálise*; p. 174.

do de sono, a via da motilidade encontra-se fechada e, com isso, “... a excitação se movimenta numa direção *para trás*. Em vez de ser transmitida na direção da extremidade *motora* do aparelho, ela se movimenta no sentido da extremidade sensória e atinge finalmente o sistema perceptivo”²⁵.

Freud descreve, então, um psiquismo cuja dinâmica é marcada por um conflito permanente entre os sistemas que o constituem²⁶. Na sessão F do capítulo VII dessa emblemática obra de 1900, ao negar enfaticamente a equação entre psiquismo e consciência, Freud ratifica a necessidade de se considerar as formações do inconsciente na explicação dos processos psicológicos, afirmando que o problema do inconsciente na psicologia é menos *um* problema psicológico do que *o* problema da psicologia²⁷. Enquanto a psicologia lidou, nos diz o autor, com esse problema através de uma explicação segundo a qual haveria uma equiparação ente “psíquico” e “consciente”, para a qual falar em processos psíquicos inconscientes era um contrassenso evidente, qualquer avaliação psicológica das observações feitas pelos médicos sobre os estados psíquicos ditos “anormais” estava fora de cogitação. Daí Freud afirmar, categoricamente, que: “Médico e filósofo só poderão unir-se quando ambos reconhecerem que a expressão ‘processos psíquicos inconscientes’ é ‘a expressão apropriada e justificada para um fato solidamente estabelecido’”²⁸.

Com o intuito de superar uma psicologia de cunho estritamente consciencialista, Freud passa a sustentar que somente podemos abrir caminho para o empreendimento de uma concepção mais ampla do aparelho psíquico, que considere a importância das formações do inconsciente em nossa vida psíquica, caso haja uma diminuição na supervalorização conferida à consciência na explicação dos processos psicológicos. Ainda na sessão F do capítulo VII, Freud volta a ressaltar o quão essencial se torna abando-

²⁵ Cf. Freud, S. *A Interpretação dos Sonhos*. In: Obras Completas de Sigmund Freud – Volume V (Cap. VII, Seção B), p. 578.

²⁶ Laplanche & Pontalis confirmam o lugar de destaque reservado à noção de “conflito psíquico” na teoria freudiana, ao afirmarem que: “Desde as suas origens que a psicanálise encontrou o conflito psíquico, e depressa foi levada a fazer dele a noção central da teoria das neuroses”. Cf. Laplanche, J. & Pontalis, J-B “Conflito Psíquico”. *Vocabulário da Psicanálise*; p. 131.

²⁷ Cf. Freud, S. *A Interpretação dos Sonhos*. In: Obras Completas de Sigmund Freud – Volume V (Cap. VII, Seção F), p. 649.

²⁸ Cf. Freud, S. *A Interpretação dos Sonhos*. In: Obras Completas de Sigmund Freud – Volume V (Cap. VII, Seção F), pp. 649/650.

nar a supervalorização da propriedade do “estar consciente” para que se torne possível formar uma posição correta acerca da origem do psíquico. Neste sentido, para Freud, o inconsciente é a esfera mais ampla, que inclui em si a esfera menor do consciente. Tudo o que é consciente tem um estágio preliminar inconsciente, ao passo que aquilo que é inconsciente pode permanecer neste estágio e, não obstante, reivindicar que lhe seja atribuído o pleno significado de processo psíquico. O inconsciente é, segundo o autor, “a verdadeira realidade psíquica”²⁹. O lugar reservado à consciência torna-se, então, com a hipótese do inconsciente, alvo de questionamentos, pois, sustenta-se a tese de que por trás de tudo aquilo que se expressa no plano consciente (em termos freudianos, como “conteúdo manifesto”), há sempre uma “outra coisa” que se articula no inconsciente, que atesta, segundo Freud, a presença de um desejo não revelado, recalcado pela censura. Deste modo, a consciência – que outrora fora concebida como o lugar das evidências – torna-se, agora, com o fortalecimento do conceito de “inconsciente”, o lugar da suspeita, das incertezas, daquilo que pode ser colocado em questão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eis, portanto, duas linhas de investigação através das quais podemos notar dois abalos sofridos pelo conceito de consciência na passagem do séc. XIX para o séc. XX. Se o behaviorismo norte americano elimina, gradativamente, o conceito em questão do domínio psicológico para se deter, única e exclusivamente, na predição e no controle do comportamento, a psicanálise – com a descoberta do lugar do Inconsciente – promove um questionamento radical da hegemonia até então conferida à consciência na explicação dos processos psicológicos.

É preciso alertar, contudo, que o behaviorismo e a psicanálise representam apenas duas linhas de pesquisa nas origens do pensamento contemporâneo. Se nelas notamos os dois abalos em torno da consciência, não podemos dizer, contudo, que tais abalos tenham se expandido por *todos* os programas de pesquisa da época. Sabemos, por exemplo, dentre as “filosofias da consciência”, o quão importante foi, no cenário intelectual europeu, a

²⁹ *Idem.*

influência exercida por Franz Brentano (1838-1917) – outro grande nome da psicologia do século XIX – sobre todo um elenco de grandes intelectuais da época, tais como: Twardowski, Meinong, Husserl, dentre outros. Inspirando-se na tradição aristotélico-tomista, Brentano reedita, ao final do mesmo século, uma concepção para a qual pensar a consciência consiste em pensa-la em termos de sua relação intencional com objetos que, como tais, “inexistem” nos próprios atos intencionais³⁰. Como sabemos, Edmund Husserl (1859-1938) será um dos grandes responsáveis por dar continuidade a essa tradição, preservando, sobretudo, a partir do séc. XX, com a consolidação da fenomenologia como um novo idealismo transcendental, a ideia da intencionalidade em termos de “objetividade imanente”, porém, deslocando-a para uma região transcendental em cuja imanência os objetos visados seriam apreendidos e constituídos intencionalmente³¹.

Paralelamente, ainda nesse mesmo cenário, encontramos outro programa de pesquisa cujo contraste é flagrante com as linhas mencionadas neste artigo: trata-se do espiritualismo francês de Henri Bergson (1859-1941), para quem a consciência somente poderia ser pensada em uma vivência de duração que, como tal, supõe a faculdade da memória, isto é, a capacidade de conservação e acumulação dos momentos passados nos momentos seguintes no fluxo temporal da vida consciente. Acrescenta-se ainda que, em Bergson, a consciência presidiria, apoiada sobre o passado e debruçada sobre o futuro, escolhas das quais resultassem ações voluntárias nos organismos conscientes, atestando, portanto, o caráter autônomo desses organismos em relação ao que lhes cerca³².

³⁰ Cf. Brentano, F. *Psychology from an Empirical Standpoint*; p. 88.

³¹ Pode-se dizer que a “virada” da fenomenologia para um idealismo transcendental manifesta os seus primeiros sinais ainda no período dos cursos de Husserl em Göttingen, mais particularmente, de 1902 a 1909. Mas, sem dúvidas, é com a publicação em 1913 de *Ideias para uma fenomenologia pura e filosofia fenomenológica* (conhecida do grande público como *Ideias I*) que tal virada para um novo idealismo transcendental se consolida, definitivamente, no itinerário husserliano. Sobre o estatuto transcendental da objetividade fenomenológica, remeto o leitor para o artigo de minha autoria. Cf. Tourinho, C. D. C. “O desafio metodológico de Husserl, o exercício generalizado da *epoché* e o estatuto transcendental da objetividade fenomenológica”. In: *Revista Portuguesa de Filosofia – Phenomenology and Practical Philosophy*, Tomo 71, Fascículo 1. 2015, pp. 11-25.

³² Sobre as considerações bergsonianas em torno do conceito filosófico de “consciência”, remetemos o leitor para a magnífica conferência “A consciência e a vida”, proferida por Bergson na Universidade de Birmingham em 29 de maio de 1911. Cf. Bergson, H. “La Conscience et la Vie”, pp. 815-835.

Portanto, tanto a fenomenologia transcendental como o espiritualismo francês assumem, contrastando, assim, com as linhas de pesquisa desenvolvidas no presente artigo, o desafio de redimensionar o lugar da consciência ao final do século XIX/ início do século XX. Um exame mais detido da reação consciencialista dessas filosofias e do debate das mesmas com a psicologia nas origens do pensamento contemporâneo ficará, contudo, para outra ocasião.

Recebido em 15/04/2023

Aprovado em 30/04/2023

REFERÊNCIAS

BERGSON, H. “La Conscience et la Vie”. *L’Énergie Spirituelle*. In: *Oeuvres*. Édition du Centenaire. Paris: Presses Universitaires de France, ([1911] 1959).

BRENTANO, F. *Psychology from an Empirical Standpoint*. Ed. by L. L. McAlister. Translated by A. C. Rancurello, D. B. Terrell and L. L. McAlister. London: Routledge & Kegan Paul. ([1874] 1973).

DWELSHAUVERS, G. “Wilhelm Wundt et la Psychologie Expérimentale”. In: Andler, C. H. *La philosophie allemande au XIX siècle*. Paris: Felix Alcan, 1912.

FECHNER, G. T. *Elements of Psychophysics*. Volume I. USA: Henry Holt Editions in Psychology, 1966.

FREUD, S. “As Neuropsicoses de Defesa”. In: Obras Completas de Sigmund Freud – Volume III. 1ª. edição. Rio de Janeiro: Editora Imago, ([1894] 1976).

FREUD, S. *A Interpretação dos Sonhos* (parte dois). In: Obras Completas de Sigmund Freud – Volume V. 1ª. edição. Rio de Janeiro: Editora Imago, ([1900] 1976).

GARCIA-ROZA, L. A. Introdução à Metapsicologia Freudiana – I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

GARDNER, H. *A Nova Ciência da Mente. Uma História da Revolução Cognitiva*. 2ª. edição. São Paulo: Edusp, 1996.

HERRNSTEIN, R. J. & BORING, E. G. *Textos Básicos de História da Psicologia*. São Paulo: Editora Herder, 1971.

JAMES, W. “Does Consciousness Exist?”. In: McDermott, J. J. (org.) *The Writings of William James. A Comprehensive Edition*. The University of Chicago Press, 1977.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J-B. “Consciência”. In: *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1967.

LEIBNIZ. “Principes de la Nature et de la Grâce fondés en raison”. In: *Principes de la Nature et de la Grâce, Monadologie et Autres Textes (1703-1716)*. Présentation et notes de Christiane Frémont. Paris: GF-Flamarion, ([1714] 1996).

NOËL, E. *Le darwinisme aujourd’hui*. Paris: Éditions du Seuil, 1979.

SEIDL de MOURA, M. L. & CORREA, J. *Estudo psicológico do pensamento*. De Wundt a uma Ciência da Cognição. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1997.

TILQUIN, A. *Le Behaviorisme. Origine et Développement de la Psychologie de réaction in Amerique*. Paris: Edit. VRIN, 1950.

TOURINHO, C. D. C. “O desafio metodológico de Husserl, o exercício generalizado da *epoché* e o estatuto transcendental da objetividade fenomenológica”. In: *Revista Portuguesa de Filosofia – Phenomenology and Practical Philosophy*, Tomo 71, Fascículo 1. 2015, pp. 11-25.

WATSON, J. B. “Psychology as the Behaviorist Views It”. In: Schultz, D. *História da Psicologia Moderna*. 2ª. edição. São Paulo-SP: Editora Cultrix, 1975.



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.